

ANTONIO PRATA



Vernissage

Depois da última crônica, em que reclamei por não ter tempo de encontrar as pessoas queridas, Deus resolveu pregar-me uma peça. Criou, para tanto, o lançamento do livro de um grande amigo, onde estava reunida, num espaço de 50 metros quadrados, boa parte dos seres humanos que tive o prazer de conhecer nesses 32 anos sobre a Terra.

Qual foi, então, a peça pregada por Deus? – perguntar-se-á o leitor. Não havia ali uma ótima oportunidade de matar saudades, colocar os papos em dia, comemorar os presentes e mal falar os ausentes? Não pa-

ra mim. Sendo uma pessoa confusa e um tanto ansiosa, um vernissage possibilita-me o encontro com o outro tanto quanto um triatlo promoveria o descanso. E ao contrário do triatlo, onde o esportista pratica apenas três modalidades, o maratonista social precisa ser capaz de versar sobre todo o tipo de assunto, em papinhos de cerca de um minuto e meio, se possível adicionando graça a cada um deles.

“E aí, Fabião, que que cê tá arquitetando?!”, pergunto ao amigo arquiteto. Enquanto me arrependo do trocadilho, ele me explica, empolgado, sobre

a fábrica de embalagens que terminou de desenhar em Atibaia, mas não presto atenção, pois atrás dele acena-me Juliana, com quem estudei no ginásio. E agora? Abandono Fabião no momento em que me descreve o elevador panorâmico, com vista para o lago? Ou desprezo a amiga, com um tchauzinho, como quem diz: a gente não se vê faz 20 anos, mas estou muito ocupado para atravessar esses 2 metros que nos separam? Faço aquele sinal de “depois vou aí”, girando os indicadores, enquanto penso em como dizer ao Fabião que preciso sair. Invento que



CIDO GONÇALVES/AE

vou pegar o autógrafo do autor. “Ótimo”, diz meu amigo, “vamos juntos”. Sem alternativa, vou com Fabião até Juliana. Finjo surpresa ao encontrá-la. Dou-lhe um abraço, apressento-lhe o Fabião. Com medo que ela ache que somos um casal, digo “ele é arquiteto”, e percebo que não há nenhuma relação entre ele ser arquiteto e nós não sermos namorados. Sem deixar transparecer se fez ou não uma inferência equivocada sobre minha opção sexual, ela comenta que está fazendo uma reforma e pergunta se ele acha que vale a pena instalar um desses aquecedo-

res a gás. Fabião diz que hidráulica não é bem sua especialidade, mas pode recomendar um amigo. Ela agradece. Há um breve silêncio. Aproveito e escapo para o banheiro.

Por alguns segundos, diante do mictório, sinto-me em paz. Até que ouço: “E aí, escrevendo muito?” Ao meu lado, um cara com quem trabalhei numa revista, lá por 2003, começa a fazer xixi. “Opa, querido! Tudo bom?”, eu digo, enquanto tento lembrar o seu nome e me arrependo por ter escrito, há duas semanas, que não conseguia encontrar as pessoas. ●

CULTURA

Em busca de espaço, violonistas se unem no Comboio de Cordas

Grupo de 16 músicos paulistanos ou radicados na cidade permite intercâmbio entre os antigos e a nova geração

Filipe Vilicic

O violonista Muari Vieira percebeu que seus colegas músicos tinham uma reclamação em comum: “Sempre acompanhamos um cantor e raramente temos oportunidade de mostrar nosso trabalho solo”. Realmente são raros os violonistas que se destacam na cena apenas tocando seus instrumentos. “Temos o caso, de exceção, de Yamandu Costa”, lembra Muari. “Mas, normalmente, mesmo os profissionais experientes ficam na sombra de famosos.” Para solucionar esse problema, ele teve a ideia de montar um grupo de violonistas da cidade de São Paulo que, juntos, batalham para ganhar mais notoriedade. Assim surgiu, em outubro do ano passado, o Comboio de Cordas.

No Comboio, há 16 violonistas da cena paulistana. Tem veteranos – como Zé Barbeiro, de 57 anos, que aprendeu sozinho a tocar o violão de sete cordas e é especialista em chorinho – e novatos – caso de Leonardo Costa, de 27 anos, idealizador do projeto ao lado de Muari, de 29. Todas as terças, integrantes (normalmente dois) se apresentam no Teatro da Vila (Rua Jericó, 256, Vila Madalena, a partir das 20h30). O ingresso é no es-

Artistas ‘passam o chapéu’ e cada um paga quanto achar que vale o show

quema “pague quanto quiser”. Após os shows, os artistas servem salgadinhos e bebidas para a plateia e promovem discussões sobre música.

A primeira temporada do grupo no Teatro, no ano passado, atraiu cerca de 50 pessoas por sessão. Amanhã, tem início a segunda leva de shows, que deve durar até novembro, com os mestres do choro Zé Barbeiro e Alessandro Penezzi. “Unidos, conseguimos mais força para divulgar o trabalho de cada um de nós”, diz Leonardo Costa. “Somamos público. A plateia fiel do Barbeiro, por exemplo, passa a ouvir os outros do Comboio. Também conseguimos mais repercussão na mídia e opções de casas para tocar.”

Todo dinheiro arrecadado com patrocínios e “passando o chapéu” nos espetáculos é usado para projetos do grupo. “Nosso primeiro objetivo é consolidar apresentações diárias pela cidade e gravar um CD e um DVD”, planeja Muari. “Ainda queremos formar um nicho de pessoas que gostam e consomem arranjos instrumentais.” Mesmo violonistas já consagrados tiram proveito do projeto. Zé Barbeiro, que acompanhou famosos como Elizeth Cardoso, Zeca Pagodinho e Leci Brandão, vê vantagens. “Dá pa-



‘A UNIÃO FAZ A FORÇA’ – Grupo posa para foto no palco do Teatro da Vila, na Vila Madalena: shows são realizados todas as terças-feiras e a temporada deste ano vai até novembro



ENCONTROS – O elogiado Michi Rutizschka (esq.) divide o palco com o veterano Zé Barbeiro, de 57 anos

AFINAÇÃO

Muari Vieira Violonista

“Nosso primeiro objetivo é consolidar apresentações diárias pela cidade e gravar um CD e um DVD. Ainda queremos formar um nicho de pessoas que gostam e consomem arranjos instrumentais”

ra mostrar minhas composições”, conta. “Encontrar com os colegas é ainda uma forma de se divertir e trocar experiências. Ensino e aprendo com os jovens.”

A iniciativa já deu resultados. O assistente acadêmico Caio de Andrea foi ao seu primeiro show no ano passado por indicação de amigos. Tornou-se um habitué e, hoje, sugere a todos que compareçam ao Te-

atro da Vila para escutar os violonistas. “É bom saber que há artistas preocupados em oferecer som de qualidade à cidade”, afirma. “Músicos ousados, sem medo de tentar realizar algo diferente e avesso ao que a típica indústria cultural propõe.”

Além dos shows, o público também é atraído pelas conversas com os músicos após o espetáculo. “É um diferencial, se comparado a outros espetácu-

PARA MARCAR NA AGENDA

● **Os shows** do Comboio de Cordas ocorrem às terças no Teatro da Vila (Rua Jericó, 256, V. Madalena), a partir das 20h30

● **A entrada** é gratuita. Mas os músicos pedem na porta alguma colaboração para o projeto (e é de bom tom deixar algo)

● **Amanhã**, quem se apresenta é a dupla de chorinho Zé Barbeiro e Alessandro Penezzi. Parceiros, eles costumam tocar juntos em bares paulistanos

● **Está** marcado para o dia 16 o show do gaúcho Cau Karam, que dedilha violão, violão de 7 cordas, viola de 10 cordas e cavaquinho, e Paulo Ribeiro, especialista em MPB

● **Na semana** seguinte, sobem ao palco Leonardo Costa, um dos fundadores do movimento e com um trabalho de composições instrumentais, e Alexandre Cueva, que já acompanhou famosos, como o cantor Zeca Baleiro

● **Muari Vieira**, idealizador do projeto, e o elogiado violonista austríaco Michi Rutizschka – radicado em São Paulo – fecham a agenda de março no dia 30. Ambos têm influências de jazz e MPB. Ultimamente, Rutizschka tem dedicado seus estudos à música africana

● **A temporada** do Comboio de Cordas está prevista para seguir até o mês de novembro

estadao.com.br
Confira vídeo com uma apresentação do grupo 'Comboio de Cordas'

www.estadao.com.br/e/c6

Kalunga.com